

Começa o julgamento da causa ecológica

O mundo acompanha, a partir de hoje, a entrada no tribunal dos acusados da morte de Chico Mendes



XAPURI — As 12 horas de ontem, um suado diretor-geral da Polícia Federal aguardava o desembarque dos passageiros do voo 484 da Varig no acanhado Aeroporto Internacional Presidente Médici, em Rio Branco, capital do Acre. O Delegado Romeu Tuma trocou um rápido aperto de mão com o personagem mais famoso do país, o candidato derrotado à presidência da República Luiz Inácio Lula da Silva. Um encontro casual da mais alta autoridade do governo federal presente ontem no Acre com um dos maiores opositores ao presidente Fernando Collor dá o tom do que deve ocorrer hoje em Xapuri, uma pequena cidade de pouco mais de 3 mil habitantes, 150 automóveis e o mesmo número de telefones, que há quase um século sobrevive da rudimentar economia baseada na extração da castanha e da borracha da floresta amazônica.

A partir de hoje, Xapuri assistirá à maior explosão populacional de sua história. São esperados 2 mil seringueiros radicados em diversos pontos do Acre, mais 106 jornalistas do Brasil e do exterior e centenas de autoridades, sindicalistas, estudantes e ambientalistas. Essa pequena multidão pretende acompanhar de perto o desdobramento do julgamento de dois fazendeiros, Darly Alves da Silva e seu filho Darci, acusados de matar com um tiro de espingarda calibre 20 na noite de 22 de dezembro de 1988, o seringueiro, líder sindical e ecologista Chico Mendes.

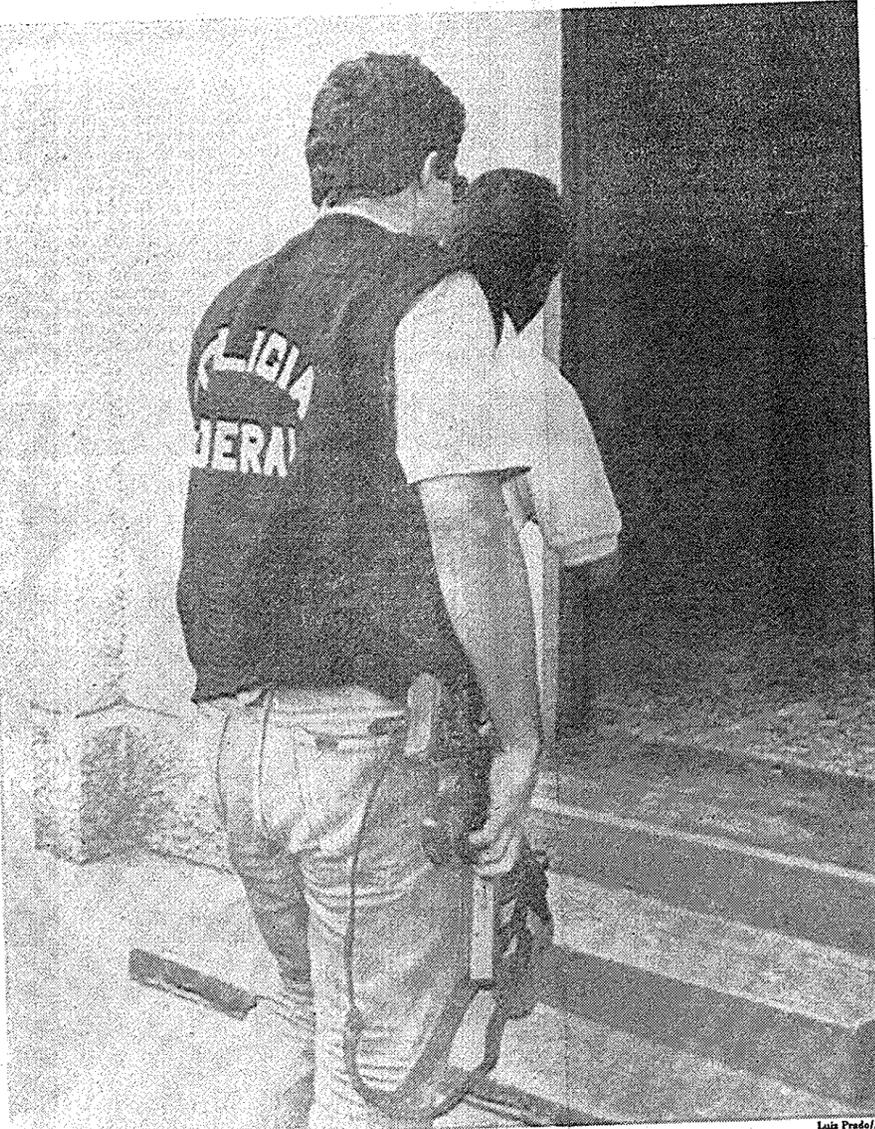
De acordo com todas as evidências do processo, Mendes teria sido morto por um fazendeiro de pavio curtíssimo, que ostenta em sua biografia outras 14 acusações de homicídio. Darly temia ter a posse de suas terras ameaçadas pelo sindicalista — Mendes pretendia impedir a

derrubada de áreas de seringueis na propriedade do homem que hoje senta no banco dos réus. Mendes também foi o responsável pela chegada de uma carta precatória a Xapuri na qual era pedida a prisão do fazendeiro e de seu irmão, Alvarino Alves da Silva, acusados de grilagem e homicídios no Paraná.

Os três adjetivos (seringueiro, líder sindical e ecologista) que sempre acompanharam o nome de Mendes multiplicaram a importância do julgamento. A comunidade ambientalista internacional, cujo interesse pela Amazônia havia sido despertado a partir de um relatório da Agência Espacial Norte-americana (Nasa) que mostrava o número excessivo de queimadas na floresta, transformou Chico Mendes morto em mártir das causas ecológicas. Vivo, ele foi o defensor de um desenvolvimento econômico baseado no extrativismo e na preservação da maior porção verde do planeta.

Os partidos políticos e a Central Única dos Trabalhadores (CUT), da qual era dirigente nacional, usaram sua morte como combustível de denúncia sobre os conflitos agrários do País e reverberaram o crime de Xapuri como um tambor para as mortes ocorridas num desconhecido Brasil Rural — depois de dezembro de 1988, outras 140 pessoas morreram vítimas de conflitos agrários, mas apenas sete implicados nos crimes respondem a processos na Justiça. Mendes foi vereador em Xapuri pelo MDB em 1977 e candidato derrotado a uma cadeira na Assembleia Legislativa do Acre pelo PT em 1982.

O garoto Genésio Barbosa, considerado a principal testemunha do julgamento, chegou ontem a Xapuri por volta de 12 horas, escoltado por agentes da Polícia Federal. Genésio foi entregue ao vigário da paróquia de Xapuri, o padre italiano Luiz Ceppi. A partir dos depoimentos das testemunhas, será traçado o destino do caso Chico Mendes. Depois do julgamento, os jornalistas voltarão para seus países, as autoridades retornam às suas atividades e Xapuri será de novo mais um pequeno vilarejo com todos os problemas da Amazônia.



Genésio chega escoltado por um agente da Polícia Federal: testemunho sob a proteção do padre

Defesa acusa CIA e PM pelo assassinato

XAPURI — Os advogados João Lucena Leal e Rubens Lopes Torres, responsáveis pela defesa de Darly Alves da Silva e seu filho Darci reconhecem que será muito difícil livrar os réus da condenação. A defesa considera mais fácil conseguir a absolvição de Darly. "O fazendeiro é um bode expiatório", afirma Torres. A principal tese dos advogados é de que pai e filho estão sendo vítimas de interesses políticos do PT, da Igreja, dos ecologistas estrangeiros e da polícia. Em todo o processo, Leal e Torres se referem ao líder assassinado como o "ex-nacional Chico Mendes". "Ele não defendia o Brasil", afirma Torres.

A defesa está convencida de que o sindicalista foi assassinado por um sargento da PM do Acre, R. Freitas, ajudado pela agência de inteligência norte-americana, a CIA. Segundo os advogados, Chico Mendes foi morto porque era contrário a empreendimentos de empresários dos Estados Unidos na Amazônia.

O promotor público Eliseu Buschmeier e o advogado Márcio Thomas Bastos, encarregados da acusação estão tranquilos e têm certeza de que os réus serão condenados. Para conseguir a condenação dos dois, Bastos e Buschmeier pretendem usar, no caso de Darci, sua própria confissão declarando ter disparado a arma que matou Chico Mendes. Com relação a Darly, serão utilizadas as testemunhas que confirmam a versão de que o fazendeiro foi o mandante do crime.

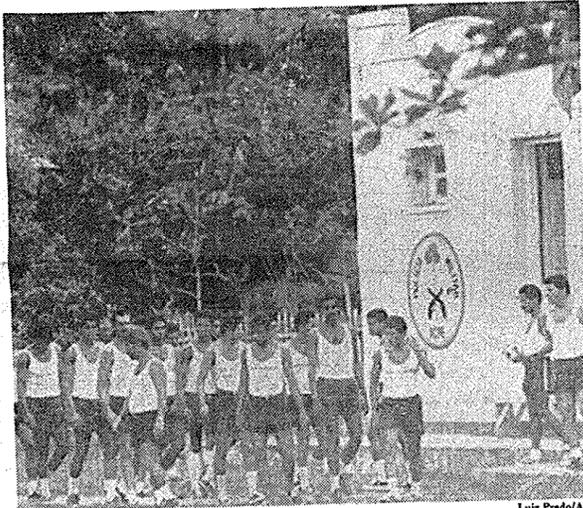
Nessa lista, Genésio Barbosa, 17 anos, é o nome principal. O garoto foi criado na Fazenda Paraná, da família Alves da Silva. Em depoimento à polícia, contou a família tentou fazer com que se tornasse pistoleiro. Genésio revelou ter presenciado várias reuniões entre Darly e outros fazendeiros da região nas quais foi tramada a morte de Chico Mendes.

Repercussão desaponta moradores

XAPURI — Ao contrário do que ocorreu com o assassinato do líder sindical e ecologista Chico Mendes — anunciado tantas vezes pela própria vítima e finalmente consumado no dia 22 de dezembro de 1988 —, a pacata cidade de Xapuri, escondida na selva amazônica, não viu se consumir o sucesso anunciado do julgamento dos acusados de matar o seringueiro. Das 15 mil pessoas esperadas, deverão chegar à cidade apenas cerca de duas mil, a maioria formada por seringueiros.

Até ontem, o exemplo mais claro do não-realização do sucesso anunciado era um lustroso caminhão do Corpo de Bombeiros do Acre enviado especialmente para o julgamento circulando pelas ruas sossegadas de Xapuri. Na falta de incêndios e outras agitações, o caminhão acabou servindo de brinquedo para as crianças do município, deslumbradas em ver, pela primeira vez na vida, um novíssimo caminhão do Corpo de Bombeiros ao vivo. Além dos bombeiros, os 200 soldados da Polícia Militar destacados para manter a ordem na cidade também não terão muito trabalho.

Na frente do fórum, estavam armadas até a tarde de ontem não mais do que três barracas, uma delas ostentando mudas de plantas típicas da Amazônia a serem distribuídas entre os jornalistas que compareceram para a cobertura do evento. Nas outras



Policiais militares fazem exercícios: reforço de 200 homens

duas, as únicas mercadorias à venda eram água, refrigerantes e cerveja. Mesmo assim, os estoques eram pequenos. "Só trouxe duas caixas de água e quatro de refrigerante", contou o comerciante Arnaldo Barros, dono da Sorveteria Ademar e responsável por uma das barracas.

Na prefeitura, mesmo com as somas minguadas que sobram depois da contabilidade feita para saber quanto a cidade lucrou com o julgamento — só foram registradas

nove barracas novas em toda a cidade e cada uma pagou Cr\$ 2.500 pela licença —, a expectativa do retorno que o acontecimento pode trazer ao município era boa. "Quem sabe, mostrando Xapuri para o mundo, não começamos a ganhar turistas", sonha o secretário de gabinete, Raimundo Nonato Gonçalves ao lamentar ver sua cidade senão completamente vazia, não tão cheia quanto esperava.

Entre os moradores da cidade de interessados em alugar

suas casas a preços exorbitantes — chegou-se a falar que a moeda imobiliária em Xapuri a partir de domingo seria o dólar — a decepção em não ver aportar as 15 mil pessoas esperadas não foi menor. "Já estava preparada, como toda roupa arrumada para ir morar na fazenda de minha mãe neste período", conta, desapontada, a dona de casa Izilda de Gonçalves Araújo, de 42 anos, natural da cidade. "Estava precisando de dinheiro para o Natal, mas acho que vou ter de arranjar outro jeito."

Na verdade, as únicas pessoas diferentes que chegaram à cidade para o julgamento, além de alguns sindicalistas, ambientalistas e seringueiros, foram os jornalistas destacados para a cobertura do evento. Eles chegaram munidos de pequenos computadores para transmitir ao mundo fotos e reportagens sobre Xapuri e se dividiram entre casas alugadas a preços baixos e o melhor hotel da cidade, o Venezia, com 17 quartos, banho frio e muitas moscas.

Até ontem, o marasmo entre os jornalistas era tanto que a situação de falta de notícias chegou a provocar uma cena insólita. Ávidos por uma boa fotografia, enviados de jornais acabaram fotografando o documentarista Adrian Cowell, há 10 anos na Amazônia e autor do documentário A Década da Destruição. O cineasta inglês, por sua vez, não teve saída a não ser fotografar seus colegas brasileiros.

Juristas discordam de influência sobre júri

LUÍS ESTEVAM PEREIRA

O promotor de Justiça Eliseu Buchemeier de Oliveira vai lutar por uma sentença de 19 anos de prisão para Darly e Darci Alves da Silva, acusados de mandante e executor da morte do sindicalista Chico Mendes. Penas superiores a 20 anos proporcionariam aos réus o direito a um segundo julgamento no Tribunal de Júri, instância destinada a julgar crimes contra a vida como o homicídio. Em qualquer hipótese, porém, cada uma das partes poderá entrar com recurso no Tribunal de Justiça do Estado contra a decisão.

Considerado por juristas como o mais democrático meio de se chegar a um veredito, o júri popular também pode expor seus componentes à pressão exercida por pessoas e até instituições em torno da causa. A expectativa de Xapuri receber uma pequena multidão — formada por jornalistas, políticos, ambientalistas e curiosos — cria uma ponte entre a opinião pública e o julgamento.

Algumas redes de TV e de rádio planejam transmitir ao vivo o julgamento, na dependência apenas da autorização do juiz. Apesar de permanecerem durante todo o julgamento alojados pela Justiça, os jurados dificilmente ficarão isolados do mundo fora da sala do tribunal. Os juristas, contudo,

se dividem ao opinar sobre a influência que essa pressão pode exercer nos sete jurados que constituem o júri.

"No tribunal, os jurados são pessoas do povo, de reconhecido bom senso, que julgam como estão acostumados a julgar as questões comuns do dia-a-dia", afirma o advogado Goffredo da Silva Telles. "Além disso, a experiência tem demonstrado que o júri popular é um tribunal extraordinariamente eficaz na declaração da Justiça."

O advogado criminalista Roberto Delmanto acredita que, numa cidade pequena como Xapuri, o julgamento poderá acontecer sob pressões da imprensa e das pessoas que viajaram à cidade especialmente para acompanhar o caso. Segundo Delmanto, os advogados de defesa poderiam ter alegado que a pressão pela condenação de seus clientes corrompia o processo. Neste caso, poderiam ter pedido um "desaforamento" (transferência do julgamento para outra cidade) antes de iniciado os trabalhos do júri.

"Se a pressão é exagerada e compromete a decisão, o juiz pode dissolver o júri e determinar outra data", explica o coordenador da Promotoria do 1º Tribunal de Júri de São Paulo, Sérgio Badaró. "Os jurados podem acabar decidindo de acordo com a pressão da mídia, em vez de seguir a própria consciência", afirma.

Filme sobre líder está quase pronto

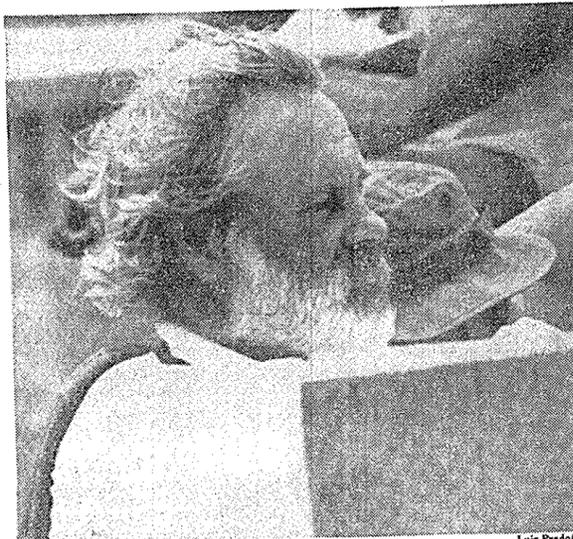
XAPURI — O mais completo documentário sobre a vida de Chico Mendes está sendo concluído esta semana em Xapuri. Trata-se de uma co-produção anglo-brasileira, que tem à frente um dos mais respeitados documentaristas do mundo, Adrian Cowell. Em 1956, o cineasta desembarcou pela primeira vez no Brasil, com um grupo de estudantes da Universidade de Cambridge, decidido a conhecer a Amazônia. O grupo chegou pela Guiana, passou por Roraima, desceu os rios Negro e Amazonas e chegou à região do Xingu, no sul do Pará. Cowell apaixonou-se pelo trabalho dos irmãos Orlando e Sérgio Villas Boas e passou sete meses com os índios. Desde essa época, o Brasil passou a fazer parte dos planos profissionais desse inglês, que na verdade nasceu na China, em 1934.

O filme sobre Chico Mendes surgiu a partir de um projeto ambicioso proposto a Cowell pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, destinado a documentar a década de 80 na

Amazônia, que recebeu o nome A década da destruição. No Brasil, o trabalho ficou a cargo de Vicente Rios, cineasta goiano que tem acompanhado a luta dos seringueiros no Acre.

Em A década da destruição, uma série de cinco documentários desvendam o processo de ocupação desordenada da Amazônia. Na obra, o Banco Mundial reconhece os estragos que ajudou a causar na região amazônica, em nome do desenvolvimento.

O filme sobre Chico Mendes, segundo Cowell, tomou rumos inesperados. A ideia era concluir o documentário mostrando o sucesso da ideia de criação de reservas extrativistas para os seringueiros, propostas por Chico Mendes. O assassinato do líder sindical, entretanto, fez com que o cineasta desse ao filme um tom mais acentuado de denúncia, enfatizando os conflitos entre seringueiros e fazendeiros no Acre.



Cowell, diretor de "A década da Destruição": rumos inesperados

Juiz pediu prisão de Darly e Alvarino em 87

XAPURI — Quando prestou concurso para se tornar juiz de Direito do Acre, em 1986, o então procurador do Banco do Brasil Adair José Longuini não podia prever que três anos e meio depois presidiria um dos mais importantes julgamentos da história do País. "Só queria ter uma carreira marcada pela correção, eu nem atuava na área criminal", diz Longuini, 37 anos, filho de paulistas que se mudaram para o norte do Paraná para plantar café.

Depois de passar um ano na comarca de Brasília, Longuini foi transferido para Xapuri, onde encontrou o fórum lotado de processos. Assim que chegou à cidade, expediu mandados de prisão contra dois fazendeiros tidos como violentos e intocáveis: Darly e Alvarino Alves da Silva. Ambos já haviam sido condenados pela Justiça do Paraná.

Desde que tomou o comando do processo, em 1989, Longuini, que é casado e tem três filhos, anda acompanhado de

um segurança. Mas nega que tenha recebido algum tipo de ameaça. "Minha mulher chegou a receber um telefonema anônimo, mas temos muitos casos e é difícil saber se foi por causa do processo do Chico Mendes ou não", explica.

Nos dias que antecederam o julgamento, Longuini não conseguiu dormir antes das duas da manhã. Só na madrugada o juiz interrompe o trabalho de revisão das 1.700 páginas que compõem o processo de oito volumes contra os acusados de matar o líder sindical e ecologista. Assim que terminar o julgamento, ele vai viajar de férias, por um mês, para o Paraná. Depois, pretende retornar a prática de seu esporte preferido, o futebol de salão, que abandonou desde que se tornou o responsável pelo caso. "Quero voltar a jogar minhas partidas", afirma.

Participam da cobertura do caso Chico Mendes: Altino Machado, Clene Pereira, Eliana Lucena, Gabriel Nogueira, João Domingos e Wagner Barreira.